

RITOS DA FORMA. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FISICULTURISTA EM ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

César Sabino¹
Madel T. Luz²

Resumo: Este trabalho busca compreender a construção social da estética dominante nas academias de musculação e fisiculturismo no Rio de Janeiro sugerindo que a mesma está relacionada a uma ética que hierarquiza as relações sociais com base na forma corporal dos indivíduos reproduzindo o individualismo do consumo e a concepção do corpo humano como autômato. Nesse processo, o consumo de esteróides anabolizantes e o conhecimento prático de exercícios surgem como itens fundamentais para a construção da identidade fisiculturista.

Palavras-Chave: Fisiculturismo. Construção social do corpo. Gênero. Esteróides anabolizantes. Indivíduo. Identidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é produto parcial de 54 meses de pesquisa de campo em 12 academias de musculação e fisiculturismo em bairros da Zona Norte e Sul da cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas observações participantes, etnográficas e diretas além de 310 entrevistas abertas (110 com mulheres e 200 com homens) buscando compreender a construção social do corpo e, por conseqüência a construção da identidade, entre praticantes assíduos de musculação e fisiculturismo. O fisiculturismo é uma atividade esportiva que conta entre seus praticantes com significativo número de

¹ Antropólogo. Pesquisador Associado do Instituto de Medicina Social / UERJ no Grupo Racionalidades Médicas e Práticas em Saúde Coletiva.

² Socióloga. Professora Titular do Instituto de Medicina Social / UERJ. Coordenadora do Grupo Racionalidades Médicas e Práticas em Saúde Coletiva.

indivíduos pertencentes às camadas médias urbanas, embora sua prática esteja atingindo os extratos sociais inferiores (IRIART & ANDRADE, 2002).

Como atividade que têm por objetivo o aprimoramento da forma física constitui-se como realização de uma estética e de uma ética em estado prático (BOURDIEU, 1983). Remete diretamente a uma visão de mundo radicada, dentre outros aspectos, na virilidade e na honra, no vigor e na força do corpo e da imagem, na determinação e abnegação, e em uma concepção específica de saúde e gênero que engloba os itens anteriores, utilizando-os como capitais a serem investidos no mercado econômico e simbólico, visando sua maximização (LUZ, 2003; BAGRICHEVSKI & ESTEVÃO, 2005).

Gênero aqui é entendido como produto e construção de representações e práticas sociais situadas em tempos e espaços específicos e não como dado natural, mas construção sócio-cultural. Esta construção (representações e práticas) divide e dispõe o mundo em hierarquias estabelecidas por intermédio de características interpretadas biologicamente como pertencendo à condição de homem ou mulher. As diferenças naturais são transformadas em desigualdades justificadas pelo discurso biologizante do senso comum, que entende a condição feminina, e toda sua caracterização, como inferior à masculina. Assim, as características consideradas “de mulher” estão associadas à condição inferior, ao fraco, interno, sutil, submisso, etc. sendo as características masculinas o contrário e representando domínio, autoridade, excelência, força etc.³

³ Tanto a sociologia como a antropologia urbana têm elaborado abordagens teóricas que universalizam a dominação masculina. Assim, *grosso modo*, procedem as abordagens, por exemplo, de Lévi-Strauss e Bourdieu. Porém, novos estudos direcionados às sociedades tribais não estratificadas da Amazônia e Nova Guiné não compartilham a universalidade desta dominação, reiterando que em tais sociedades, em geral, as relações entre os gêneros são permeáveis e equilibradas (Overing, 1984; Viveiros de Castro, 2002; Gonçalves, 2001; Lagrou, 1998). Tal aspecto pode ser percebido, por exemplo, nas práticas da “couvade”, quando após o parto o homem também fica de resguardo; esta prática seria inerente às sociedades nas quais as tarefas sexuais são relativamente flexíveis e o poder e o *status* feminino é alto. A couvade talvez sirva para estabelecer as tarefas do pai na vida da criança e para equilibrar as funções masculinas e femininas na criação destas. Outro comportamento ritual que demonstra a imitação masculina do poder reprodutivo feminino é o “*saignade*”, ritual de sangramento que imita a menstruação. Embora o sangue menstrual seja universalmente temido, em muitas culturas acredita-se também que ele carrega grande poder, sendo fonte e causa da saúde superior das mulheres e também causa do seu rápido crescimento. Assim, entre os Menihaku da Amazônia existem inúmeras ocasiões nas quais os homens menstruam simbolicamente, sendo a mais significativa o ritual de perfuração das orelhas. Entre os Sambia das terras altas da Nova Guiné o sangue menstrual também é identificado com a vitalidade, longevidade e feminilidade das mulheres. Para garantir saúde similar e longevidade os homens Sambia produzem um ritual doloroso e brutal de imitação da menstruação; neste, provoca-se o sangramento do nariz nos jovens durante cerimônias de iniciação (Counihan, 1996). Sacralidade similar em relação ao sangue menstrual, e exaltação do poder feminino, foi percebida por Osório (2002) em relação ao grupo de praticantes da bruxaria moderna no Rio de Janeiro, denominado Wicca. Se em muitas culturas existe equivalência entre os gêneros, este não é seguramente, o caso entre os fisiculturistas e marombeiros.

O aprimoramento da forma através da prática da musculação pressupõe uma resoluta fé naquilo que Weber (1997) denomina ação racional com relação a fins. Razão que atua por si mesma, autonomizada burocraticamente em seu afã de calcular os meios para atingir um objetivo determinado. Sendo constituída por séries calculadas de movimentos abstratos e repetitivos, compostos e recompostos mecanicamente por referência técnica a um fim específico, a musculação é um exemplo de prática radicada na *racionalidade mecanicista*, uma das principais visões de mundo da cultura ocidental moderna⁴. Ela exige disposição ascética, peculiar àqueles indivíduos que se preparam para achar sua satisfação no esforço disciplinar em si mesmo e aceitar um contentamento suposto - este nunca concretizado plenamente por basear-se em um modelo ideal - que recompensará, sempre no futuro, seu sacrifício. Essa recompensa é individualizante e individualista; o sucesso ou fracasso dependerá exclusivamente do empenho solitário do indivíduo em sua prática.

No espelho e na trena, estará o parâmetro de medição do progresso na busca da forma ideal. Progresso que só poderá ser atingido, em última análise, pelo esforço solitário: não há jogo em equipe e um indivíduo servirá no máximo para ajudar o outro a levantar alguns pesos, indicar tipos de exercícios mais aprimorados ou apropriados, suplemento alimentar, uso de substâncias químicas ou servir de comparação de medidas na análise da evolução em direção a melhor forma; conforme disse, Paulo, 23 anos:

O ânimo vem quando a gente vê no outro o resultado da malhação[...] quando você percebe que aquele cara que era gordo tá conseguindo emagrecer e ficar musculoso aí você sente gana de malhar mais ainda pra ficar legal também.

Este processo exigirá constante domínio de si mesmo por uma vontade metódica, racionalizante do comportamento, investimento financeiro em dietas, acessórios e roupas, complementos alimentares e, freqüentemente, a aplicação e ingestão de drogas como a insulina, hormônio do crescimento humano e esteróides anabolizantes que, segundo os médicos, se usados indiscriminadamente, podem causar

⁴ Concepção mecanicista: "produção de discursos baseados em modelos e leis genericamente aplicáveis que naturalizam as máquinas produzidas pela construção humana concebendo o universo enquanto gigantesca máquina subordinada ao princípio de causalidade linear traduzível em mecanismos". (Luz, M. T. & Camargo Jr., 1997. p. 54). Tal abordagem tende a conceber o corpo humano a sociedade e o universo como máquinas, assim como fazia a física clássica de Newton e Galileu (LUZ, 1988). Esta visão de mundo é comum tanto na fisiologia ensinada aos professores de Educação Física nas universidades como no discurso cotidiano dos freqüentadores leigos das academias.

câncer, impotência ou mesmo a morte súbita de usuários. Segundo Da Matta (1996, p.8), aludindo à categoria de ascetismo intramundano de Weber (1981), a prática da musculação exprime "a mais completa realização da filosofia calvinista que quer controlar o corpo, colocando-o no mundo e não num convento situado longe dele".

A racionalização instrumental ascética do cotidiano realizada em nome da saúde (mas visando efetivamente à construção da forma ideal entendida como volume muscular simétrico e mínima adiposidade) pode cobrar desses indivíduos o preço da perda daquilo que consideram a mesma. Não apenas devido à utilização indiscriminada de drogas, mas também por causa de excessos na prática de exercícios que freqüentemente causam lesões por esforço repetitivo. Segundo o instrutor de uma das academias, Marcelo 32 anos:

[muitos] alunos que freqüentam as academias que dou aulas já sofreram de tendinite ou bursite pelo menos uma vez... isso é porque a gente passa o exercício certo e o cara exagera no peso ou então exagera nas repetições quando a gente não tá vendo porque ele acha que fazendo isso vai ficar forte mais rápido.

Mas parece que o preço é pago com prazer pelos fisiculturistas, pois, é freqüente entre eles a máxima: "No pain, no gain!".

Formas, Papéis e Tipos

O público masculino das academias de musculação nas Zonas Norte e Sul da cidade do Rio de Janeiro é constituído por halterofilistas (em pouquíssimo número), fisiculturistas (em número um pouco maior), e pessoas que têm por objetivo aperfeiçoar a forma em geral (a maior parcela dos freqüentadores) utilizando o discurso da busca pela boa saúde como vetor de suas práticas. O fisiculturismo não é ainda considerado um desporto e não se constitui como esporte olímpico, enquanto que o halterofilismo o é. Apesar das aparências, são atividades bastante distintas, não raro confundidas pelos observadores superficiais. Não temos aqui o objetivo de estudar os praticantes de halterofilismo. Adiantamos que o halterofilismo é a prática competitiva de levantamento de pesos, o que significa que em competições vence aquele que consegue, através de técnicas aceitas mundialmente, levantar o maior peso. Já o fisiculturismo é a competição estrita da forma. O praticante posiciona-se diante de um júri que vai julgar sua aparência física (o mesmo que ocorre, *mutatis mutandis*, em

concursos de *miss*); mais especificamente o volume e a suposta harmonia de sua conformação muscular.

Nas academias os fisiculturistas formam um grupo sempre destacado e não muito extenso. Fazemos uma distinção polarizada entre eles e os outros agentes sociais baseada na forma física e, portanto, na dedicação - o longo tempo diário gasto com exercícios nas academias, dietas (ricas em proteínas, carboidratos e complementos alimentares), além do uso freqüente de drogas⁵. Não nos deteremos no grupo dos halterofilistas porque não representam papel importante no estudo.

Os fisiculturistas são em geral atletas amadores ou semi-profissionais que participam de competições. No Brasil ainda há pouca profissionalização do fisiculturismo, ao contrário, por exemplo, dos Estados Unidos. Apresentam se comparados aos demais freqüentadores das academias, considerável massa muscular que de imediato chama atenção de qualquer observador. Em sua maioria são veteranos praticantes de musculação, o que lhes confere enorme prestígio intra e inter academias, não apenas devido a sua aparência, mas também por aquele conjunto de conhecimentos que Bourdieu denominou *senso prático* (2001), conhecimento, no caso, relacionado as séries de exercícios, tipos de remédios, esteróides e dietas que inúmeros professores jovens de Educação Física oriundos das universidades não têm. Eles, em geral, - os fisiculturistas - apesar da freqüente oposição dos donos das academias, também intermediam o fornecimento de esteróides nacionais e importados aos outros freqüentadores. São admirados pelo contingente masculino das academias de musculação e *fitness*, não apenas por causa do tamanho de seus corpos (não raro, bem acima da média), mas também pela sua experiência e conhecimento de todo processo de fabricação da musculabilidade. Representam, para os admiradores do fisiculturismo, o ponto máximo que se pode chegar com a prática intermitente de exercícios com peso e por isso também são respeitados, embora muitos não alimentem o desejo de serem exatamente iguais a eles no cultivo da forma musculosa. Alguns ganham competições e têm seu prestígio aumentado, pois suas fotos são publicadas em revistas especializadas o que os torna famosos entre os aficcionados pelo

⁵ Os já citados esteróides anabolizantes, mais comumente conhecidos como "bombas" nas academias de musculação; drogas nacionais e/ou importadas fabricadas a base de hormônios masculinos sintetizados. Os fisiculturistas, e também outros esportistas profissionais e amadores, utilizam tais produtos para aumento rápido e significativo de força e massa muscular. Atualmente, o uso indiscriminado de tais drogas está proibido no Brasil pelo Ministério da Saúde (só podem ser administradas sob prescrição médica com apreensão de receita na farmácia no ato da compra).

fisiculturismo e permite que consigam algum tipo de patrocínio nesse campo ainda incipiente no Brasil.

Algumas vezes entram em conflito com os professores formados em universidades. Conflito relacionado à eficácia de determinados exercícios e suas conseqüências para o que consideram saúde. Os professores de Educação Física das academias tendem a não reconhecer a autoridade destes praticantes e suas prescrições de exercícios denominadas “séries”, a não ser quando esses mesmos professores são fisiculturistas também, pois os fisiculturistas em geral são praticantes que competem no campo das academias disputando, apesar da oposição do CREF, vagas de emprego; pois além da aparência musculosa utilizada por alguns donos de academias como propaganda da eficácia de seu negócio, não sendo formados, muitas vezes aceitam ganhar salário abaixo do piso cobrado pelo profissional institucionalmente autorizado. Contudo, a reclamação mais freqüente é a da intromissão dos fisiculturistas no trabalho dos professores formados, pois eles, os fisiculturistas, algumas vezes, indicam exercícios, interferindo nas séries prescritas pelos primeiros. Nesse processo se dá um confronto de opiniões sobre qual a prática correta que o aluno deve realizar para atingir seus objetivos; confronto no qual os professores utilizam o argumento do conhecimento teórico e do diploma universitário para reforçar sua autoridade freqüentemente questionada pelos fisiculturistas e o testemunho de sua forma musculosa. Algumas academias, temendo fiscalização do Conselho Regional de Educação Física, aceitam o trabalho dos últimos apenas como *personal trainners*, sem qualquer vínculo empregatício, eximindo-se da responsabilidade direta pela sua atuação não respaldada oficialmente. Outras, porém, os têm como “professores”. Para amenizar essa contradição alguns donos de academias utilizam o eufemismo “instrutores de musculação” inscrito nas camisetas dos fisiculturistas em horário de trabalho em seus negócios, fazendo-os diferir dos formados que utilizam camisas com a inscrição: professor (SABINO, 2004).

A compreensão do papel e da imagem do fisiculturista amador ou semi-profissional é fundamental para o entendimento das relações sociais estabelecidas no campo das academias de musculação. Pois ele é uma espécie de líder entre os praticantes de musculação. Entre o praticante comum (aquele que em geral quer manter a forma ou perder peso para ficar com aparência melhor para o verão) e o fisiculturista, existe grande quantidade de massa muscular separando-os. O fisiculturista é como dito anteriormente, hipermusculoso. Há, porém, entre os

praticantes comuns e os últimos, um meio termo que denominamos veteranos. Não têm a grande quantidade de massa muscular dos fisiculturistas, mas possuem certo *status* entre os freqüentadores das salas de musculação. Ao contrário do fisiculturista, o freqüentador veterano não raro desfruta da admiração de grande parte das mulheres, e, devido a tal fato, da admiração masculina também; pois exibem músculos acima da média da maioria das pessoas comuns. Diferente dos fisiculturistas, porém, possuem musculatura menos hipertrofiada.

Veteranos ostentam corpo atlético sem os excessos da musculatura fisiculturista.

Cátia, 25 anos, casada, sem filhos, freqüentadora de uma academia do bairro da Tijuca, perguntada sobre o que achava da forma física dos fisiculturistas disse:

Eu acho horrível, eles tomam muita 'bomba' [anabolizantes] , ficam enormes, desproporcionais, parecem uns monstros de tanto músculo que têm, em todo lugar que passam todo mundo fica olhando; se pintar de verde parecem o Hulk[...].

Outra entrevistada na mesma academia, Ana, solteira, 19 anos, cursando veterinária, perguntada sobre qual o tipo de corpo masculino que achava bonito disse:

Um homem com corpo definido[...] bem trabalhado, barriga 'tanque', alto, elegante e de pernas grossas[...].

Em outra conversa, agora com um fisiculturista de nome Carlos, 24 anos, solteiro, 123 quilos e 1,90m., estudante em uma universidade pública, freqüentador de academia no bairro de Vila Isabel, escutei o seguinte relato, que evidencia o que, por vezes, pode constituir-se num tipo de reação feminina à forma física destes homens:

Fui outro dia a uma terma lá perto do Maracanã, chamei uma garota, maior gatinha[...], a gente ficou conversando; ela foi logo me dizendo que comigo não transava de jeito nenhum porque eu era muito grande. Tudo bem parti pra outra, tinha muitas mesmo. Aí a outra disse a mesma coisa, depois outra e outra[...] comecei a me irritar com a mesma ladainha. Fiquei p..! Fui reclamar com o gerente do p... que mandou eu escolher a que eu queria e mandou transar comigo.

Longe de relatar este episódio lamentando-se, o informante relatou-o com visível satisfação, como se o acontecimento fosse um atestado de superioridade física. Confrontado com a afirmação de que seu tamanho poderia assustar muitas mulheres, respondeu que não se importava já que era isso mesmo que queria: "crescer cada vez mais". Continuou o relato dizendo que:

Minha namorada terminou comigo porque ela acha que eu estou ficando louco[...] fanático com mania de malhar e tomar 'bomba'. Cara, eu era raquítico, parecia um bambu, alto e magro; cheguei nesse tamanho que cê tá vendo. Cê acha que eu vou parar por causa de mulher? De jeito nenhum! Se elas quiserem têm que gostar de mim, assim, do jeito que eu sou[...]. Não malho por causa delas, malho pra mim.

Relações de Gênero e Estética Corporal

Parece, neste caso, que o fisiculturista, símbolo do excesso de músculos impressiona pelo seu tamanho, contudo, apesar de seu prestígio entre os homens das academias por seu saber específico e pelo respeito que sua ampla forma e força física causam, não é tido pelas mulheres como exemplo de beleza masculina. Já o praticante que se aproxima formalmente do tipo denominado veterano, aquele que ostenta um corpo com músculos "definidos" sem excessos musculares, é por elas apreciado. Enquanto os fisiculturistas são admirados pelos homens como símbolos de força, os veteranos o são pelas mulheres como símbolo de equilíbrio de formas. Eles são cobiçados por elas como "exemplo de beleza máscula"; esta beleza está relacionada à tradicional representação social (DURKHEIM, 1982; MOSCOVICI, 2001) de beleza no Ocidente que é aquela ligada ao equilíbrio das formas ou às formas equilibradas dos corpos, com músculos sensivelmente desenvolvidos, mas não em demasia. Os fisiculturistas, por sua vez, representam para elas o excesso e a peculiaridade de uma masculinidade amplificada até a distorção. Mas é necessário ressaltar que para as entrevistadas: "a beleza é item importante, mas não fundamental para um relacionamento ideal". O carisma de uma personalidade singular se mostra mais importante que a beleza corporal compensando sua falta :

A beleza não é o principal item[...] muitas vezes o cara é lindo e é um babaca, metido a gostosão, não tem um papo legal, quer logo te levar pra cama, enquanto que o outro cara que não é bonito pode ser legal, gentil, compreensivo, 'maneiro'. (Carina, 22 anos, estudante).

Já os homens, pelo menos aqueles que freqüentam as academias pesquisadas, não utilizam esta espécie de dispositivo compensatório que permite substituir a suposta deficiência de um item pelo excesso do outro. Para eles, a beleza parece ser fundamental:

Mulher pra mim tem que ser gatinha, é claro às vezes você vê uma garota linda e vai conversar não tem muito a ver, mas o que mais atrai é a beleza, principalmente a sensualidade, um corpo bonito, bem torneada, com bunda

roliça e arrebitada... o resto a gente deixa pra lá." (João, 22 anos, estudante de educação física.

Os entrevistados apontam para um aspecto pouco enfatizado pelas entrevistadas, e que está relacionado à dicotomia entre a mulher para a cama e a mulher para o lar.

Existe, para determinado tipo de homens, geralmente aqueles mais prestigiados nas academias, a "mulher bonita, gostosa e sensual, pra dar uma "saidinha" e "pegar" ou "transar, levar pra cama" e "depois largar", como dizem. Este tipo de mulher não precisa ter personalidade interessante, saber conversar ou combinar com a personalidade do homem, para ele basta ter um corpo bonito ou ser "gostosa".

É comum entre fisiculturistas, e mais ainda entre veteranos "com corpos definidos, trabalhados" conjugados com carros e motos de última geração, a prática da caça sexual. Percebemos que algumas vezes eles manipulam suas identidades da seguinte maneira: aproximam-se de forma simpática e gentil das "gostasas da academia", elaborando, durante semanas, e até meses, um jogo de sedução que passa pela conversa amigável e descontraída, pelo esforço de demonstrar compreensão e simpatia, pelas caronas na volta para a casa, processo que vai envolvendo a "escolhida" até que por fim o conquistador consegue levar sua "caça" para a cama, terminando o relacionamento em seguida, para, logo após, se deter em outro objeto de desejo, em geral alguma aluna nova. Muitas vezes, contudo, o homem mantém dois tipos de relação por longo tempo; a oficial, com sua namorada, noiva ou esposa, e a extra-oficial, com os "casos" ou "namoradas", configurando o que Freyre denominou "padrão duplo de moralidade" (1986, p.93) ao tratar do costume que permitia ao patriarca no Brasil colonial construir família oficial e desfrutar de concubinas, construindo "famílias" paralelas a primeira. Aparentando gentileza e compreensão, o homem elabora uma espécie de ação teatral manipulando, em conformidade com seus interesses, as impressões que possam ter dele (GOFFMAN, 1983; GOLDENBERG, 2006). Este processo não se realiza de forma fácil, sem certo constrangimento para a mulher. Em geral, para demonstrar sua virilidade e ampliar sua honra, o conquistador conta para os outros homens suas proezas sexuais, e o assunto acaba chegando às outras mulheres que dificilmente tomam partido a favor da outra. Ao contrário, estigmatizam-na como "galinha" (mulher de conduta sexual desregrada). Várias vezes foram ouvidas, entre mulheres, conversas que indicavam esta categoria de acusação. Por exemplo, algumas relatavam a "galinhagem de fulana" que havia saído com um

daqueles cobiçados homens e depois: "ficou chorando... tolinha". O interessante é que nestas conversas realizadas nas salas de aquecimento, o que mais se escuta, além de amenidades sobre dietas e exercícios, são críticas de uma mulher ou grupo de mulheres à(s) outra(s) mulher (es) ou grupo(s). As criticadas são geralmente consideradas bonitas pelos homens e, de certa forma, prestigiadas entre eles. Nestas conversas, as críticas acabam sempre enumerando "defeitos escondidos" nas "gostosas", como celulites ou estrias (vistas de relance quando trocavam de roupa no banheiro), cabelos "grandes demais" ou "muito pintados." A acusação de maior efeito é a de "galinha, que já saiu com *fulanos* e/ou *cicranos*".

Diferente dos homens das academias, que formam uma espécie de confraria em que se defendem e encobertam as investidas dos colegas ou amigos sobre as mulheres, louvando os de comportamento mais ousado, dando sempre razão ao lado masculino, elas, ao contrário, acusam-se mutuamente numa verdadeira disputa endógena, dizendo: "se fulano fez isso com ela é por que ela teve alguma culpa." No mínimo, "a culpa" é ser considerada bonita ou sensual e chamar atenção dos homens e de outras mulheres. Este é o paradoxo dos dominados que só conseguem se ver com os olhos dos dominantes, contribuindo para a manutenção do *status quo* favorável aos últimos (BOURDIEU, 1998; GOLDENBERG, 1997). Longe de perceberem as estratégias de conquista masculina que as transformam em objetos de uso sexual, estas mulheres classificam sua realidade com as mesmas categorias elaboradas pelos homens para classificá-las em conformidade com seus interesses. Repetem o mesmo discurso deles: mulher que "cai na lábia" é "mulher fácil".

Hierarquia das Formas Masculinas

Construímos anteriormente três *tipos ideais* de frequentadores masculinos das academias de fisiculturismo e musculação de acordo com suas práticas e características corporais: o **fisiculturista**, aquele que tende a cultivar proporções físicas gigantescas, existindo em número reduzido nas academias (a característica amplificada neste caso seria o excesso de massa muscular). O **veterano**, aquele que tende a cultivar a forma clássica de físico masculino (o que se amplificaria nesta construção ideal típica seria a harmonia da forma atlética). Este existe em maior proporção que o tipo fisiculturista. E o tipo **comum**, sem massa muscular aparente (a

característica principal seria a ausência visível de prática esportiva na forma deste tipo e conseqüente falta de musculatura). É geralmente neófito. O gordo, o muito gordo, o gordinho, o magro, o muito magro, o magrinho, o nem gordo nem magro, o que tem adiposidade localizada, enfim a imensa maioria que não se aproxima do ideal atlético já cultivado pelos outros dois tipos. São estes, não raro, "atletas de verão", freqüentadores sazonais que afluem às academias em grande número e rotatividade. Matriculam-se por uns meses abandonando em seguida a prática da musculação para voltarem quando o calor do verão e o carnaval se aproximam e o imperativo social de mostrar o corpo se faz presente. Durante a primavera e principalmente o verão constituem maioria nas academias pesquisadas.

Esses *tipos ideais*, como definiu Weber (1997), não existem exatamente de forma pura na realidade, são construções abstratas para melhor compreender o contexto social, modelos que servem de instrumento ou ferramenta para a análise. No cotidiano das academias, são encontrados indivíduos que em determinado momento aproximam-se mais de um modelo ideal típico que de outro e a variedade é certamente infinita como atesta o caso do último tipo classificado. Apenas esse tipo, se alguém quiser deter-se mais especificamente sobre a realidade que ele abstrai, demandaria uma construção ideal típica bem mais extensa, devido à ampla variedade de indivíduos que comporta essa realidade. Mas, para as necessidades aqui exigidas, basta a construção dos três tipos acima relacionados. Vale ressaltar que o tipo fisiculturista é sempre aquele que tende a cultivar o maior volume de músculos possível. O tamanho e a forma daqueles indivíduos que se enquadram nesta classificação variarão em conformidade com o tamanho e a forma dos outros dois tipos em determinada academia.

No aspecto representacional o fisiculturismo constituir-se-ia também em atividade radicada em certa concepção de mundo de base platônica. Produto de uma cultura que jamais se desvencilhou totalmente dos esquemas abstratos e ideais (*eidos*) tidos freqüentemente como fim (*télos*) a ser perseguido. Esses esquemas-modelos seriam a visão da perfeição ideal que o ser humano projetaria sobre a realidade tentando ininterruptamente conformá-la. Tais indivíduos manteriam os olhos fixos no ideal, perseguindo-o como objeto e objetivo perfeito durante toda sua vida. O mundo material, reino da imperfeição, seria o portador por excelência de formas desarmônicas com tendência à degradação e à feiúra, enquanto o mundo das idéias e dos ideais seria o oposto, reino da perfeição eterna da harmonia e da beleza. Esta ética

propiciadora dos olhos fixos no ideal que tem permitido grande parcela da cultura ocidental moderna buscar a execução dos planos projetados sobre o mundo, determinando a concessão de formas à realidade. O "homem platônico" não deve desistir de buscar o ideal (*skopos*) a fim de tentar realizar em suas obras as formas eternas, as essências, "o exemplar divino" que constitui este mesmo ideal. Mas o paradoxo frustrante desta concepção é que existe sempre um abismo entre o modelo e a prática que ele dirige o que significa dizer que "retirado de seu céu o ideal é inacessível" (JULLIEN, 1996.p.14).

No cotidiano das academias de musculação a busca da "forma perfeita", ideal, é de fato uma espécie de "motor" desta realidade. Este ideal obviamente tem história, varia no tempo, em geral, porém radica-se na afirmação dos itens inerentes ao que nossa cultura considera beleza. Não só a prática, naquele âmbito, gira em torno desta busca como também o próprio cerne das distinções e honras sociais. Jamais os freqüentadores se dão por satisfeitos com a forma que exibem. Buscam sempre "crescer mais", "endurecer mais", "perder mais gordura para definir a musculatura". Neste processo aqueles indivíduos que mais se aproximam do tipo fisiculturista seriam também os que mais se aproximariam do ideal perseguido na busca de construção da forma. Ele também é aquele que detém o maior prestígio. Se no discurso feminino a forma dos tipos veteranos é a princípio a mais admirada, na prática, aqueles que desfrutam de maior poder simbólico são fisiculturistas. Não é tanto por aquilo que comumente considera-se beleza masculina, característica mais comum entre os veteranos, segundo as mulheres, e sim como ícone de força, de virilidade e masculinidade associada à honra que o poder destes homens se constitui nas academias (PITT-RIVERS, 1969). O tipo fisiculturista é a amplificação das características que segundo os entrevistados conformam a masculinidade e a beleza relacionada a ela: braços fortes e delineados, peitoral proeminente, ombros largos, pernas grossas, postura altiva, ausência de barriga e abdômen definido; embora, como já foi dito, o tipo seja constituído pelo exagero destes aspectos.

A musculação não é uma prática de contato físico e não são realizadas disputas imediatas como partidas em seu cotidiano. Porém a "competição" diária é construída através do olhar lançado ao corpo do outro visando à comparação de formas. Aquele que conseguir o bíceps maior, o quadríceps proeminente e o peitoral protuberante é o vencedor, ao menos momentaneamente. A busca do maior volume muscular é obsessiva e a comparação diária entre bíceps, tríceps, trapézios e panturrilhas torna-se

disputa entre os homens; aqueles que exibem os maiores músculos são os que detém maior prestígio. Isto está em consonância com os ideais de masculinidade calcados, dentre outros aspectos, na força e no tamanho, sinônimos da virilidade (DUNNING & MACGUIRE, 1997).

Por utilizarem carga considerável na prática de seus exercícios, os fisiculturistas geralmente necessitam de "escudeiros" (ajudantes que em geral são iniciantes na prática; mas nem sempre, algumas vezes um veterano, ou mesmo outro fisiculturista, se não houver ninguém, se enquadra nessa função) que os auxiliam nos exercícios mais pesados, auxiliando-os no levantamento dos pesos. Isto também é uma maneira de diminuir o aspecto solitário da prática. Inicia-se desta forma, quando o "escudeiro" é um neófito, uma espécie de relação mestre - discípulo em que a "cultura" da musculação vai sendo transmitida através de informações discretas e dos modelos normativos, de complexos de gestos e posturas que vão sendo apreendidos pelo novato na prática por intermédio daquilo que a ele é ensinado pelos mais experientes, além do que por ele é vivenciado, e que constitui o que Bourdieu (2001) denomina de *habitus ou héxis*, complexo de visão e divisão de mundo que contribui para produzir e reproduzir o funcionamento do campo. Este *habitus* sustenta as ações e é sustentado pelas mesmas; sua atuação se realiza nos traços peculiares que inscreve sobre os corpos.

Incorporando um capital constituído por um conjunto de técnicas e atos eficazes que se tornam esquemas radicados no cotidiano de seu esporte, em parte através da reciprocidade (MAUSS, 1974; BOURDIEU, 1996) estabelecida com um fisiculturista, o aprendiz convivendo com seu "mestre", é por ele introduzido no campo e aprende quais tipos de roupa deve usar, quais exercícios deve realizar - não raro desprezando as séries oficiais de exercícios que os professores de Educação Física indicam -, e também que tipos de anabolizantes, suplementos alimentares e dietas deve tomar para "crescer".

Essa inserção no campo se realiza por um sistema ritual no qual o uso de esteróides anabolizantes surge como item fundamental para a construção da identidade e da pessoa do fisiculturista. De acordo com as classificações elaboradas acima (comuns, veteranos e fisiculturistas) podemos dizer que aqueles considerados comuns estão em um estado de *liminaridade*, conforme a terminologia de Turner (1974), pois não estão fora das academias, mas ao mesmo tempo não fazem parte da sociabilidade nelas presente; estão "separados", "suspensos" das relações entre fisiculturistas e

veteranos. É a associação a um fisiculturista como “ajudante” em consonância ao consumo de esteróides e outras substâncias (suplementos alimentares) ligado à aquisição da forma física musculosa construída com técnicas de exercícios com pesos livres e em máquinas (aparelhos) que constitui o ritual de construção da pessoa do fisiculturista, sua identidade. O indivíduo passa a fazer parte da *comunitas* dos marombeiros quando todo seu corpo traduz as estruturas simbólicas e práticas que constituem o campo das academias de musculação e *fitness* (SABINO, 2004; 2005).

Assim, em conformidade com o aumento de sua massa muscular o praticante assíduo de musculação realiza, *pari passu*, a condensação de sua socialização: convites para festas surgem, mulheres de prestígio das academias apresentam-se ou lhe são apresentadas, outros praticantes começam a dirigir-lhe atenção e seu *status* aumenta gradativamente com o aperfeiçoamento de sua forma. Este processo é mais acelerado se o indivíduo detém certa quantidade de capital econômico que venha lhe possibilitar o dispêndio maior de tempo em exercícios, (em geral o freqüentador habitual gasta em média duas horas de exercícios por dia de segunda a sábado), permanecendo com maior intensidade na academia e possibilitando-lhe contratar *personal trainers*, adquirir consideráveis quantidades de suplementos alimentares e esteróides anabolizantes, viabilizando a ostentação, não apenas de sua forma otimizada, mas de itens de consumo como carros e motocicletas caras, roupas de grife e tênis importados. Ser reconhecido como pessoa no grupo é poder não apenas apresentar forma física trabalhada com pesos, exercícios e investimentos químicos, mas também consumir bens caros. De forma similar a outros contextos o poder de consumir no imaginário fisiculturista está diretamente associado à construção identitária da pessoa. Seu reconhecimento está, de certa forma, associado a sua capacidade de consumo (CANCLINI, 1999). Desta forma, estes ritos de passagem demarcam não apenas a absorção do indivíduo pelo grupo, mas instituem a desigualdade inerente aos papéis que tais indivíduos assumirão como pessoas (BOURDIEU, 2001; TURNER, 1974).

CONCLUSÃO

Sendo a forma física item fundamental de interação social entre fisiculturistas as rigorosas normas estéticas presentes nas academias de musculação servem de ideais nos quais tentam, ininterruptamente, enquadrar seus corpos. O padrão corporal constitutivo dessas normas consiste em ressaltar massa muscular tornando-a forte e ampla sob uma

porcentagem cada vez menor de adiposidade. A imagem de força, beleza e juventude é, nesses lugares de interação, sinônimo de saúde, ou melhor, a saúde está subsumida à estética, o que significa que estar fora dos padrões de beleza do grupo e de suas práticas, é estar sem saúde e excluído de sua convivência, principalmente porque a construção da pessoa fisiculturista está relacionada à construção e manutenção de sua forma física. Estar fora de forma é estar na liminaridade no contexto das academias de musculação, pois o corpo individual é o centro desse universo, sendo tratado como máquina que tem entre seus principais combustíveis os esteróides anabolizantes e os suplementos alimentares, produtos dos grandes laboratórios e indústrias farmacêuticas.

Para construir sua identidade o praticante deve passar por rituais de iniciação ou instituição nos quais o saber prático relacionado aos exercícios e ao consumo dessas drogas é item fundamental que por vezes se opõe mesmo ao conhecimento teórico proveniente das faculdades de Educação Física. A musculação utilizada no fisiculturismo, portanto, está radicada na prática estética de uma ética baseada em classificações da realidade que reproduzem, por meio de categorias de belo/feio, fraco/forte, viril/feminil, as distinções funcionais de gênero e de classe. Na superfície fabricada dos corpos esculpidos inscreve-se a visão de mundo burguesa que tende a reproduzir, no cerne de sua economia simbólica, aspectos da própria economia monetária que a constitui como *locus* na estrutura social. A aparência se torna espécie de *capital corporal* a ser investido em harmonia com a lógica do lucro inerente ao mercado. Resta saber se haverá possibilidade de manutenção da solidariedade e coesão social diante de tais valores.

Rites of Shape. The bodybuilder identity construction at the gyms club in Rio de Janeiro city.

Abstract: This work searches to understand the aesthetic social construction in the gyms at Rio de Janeiro being suggested that the same one is related to ethics that turn hierarchic the social relations on the basis of the body shape of the individuals reproducing the individualism of the consumption and the conception of the human body as automaton. In this process, the consumption of anabolic steroids and the practical knowledge about physical exercises appear as fundamental itens for the construction of bodybuilder identity.

Keywords: Bodybuilding. Social body construction. Gender. Steroids uses. Construction of identity and person.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Como se pode ser esportivo? In: Bourdieu, P. **Questões de Sociologia**. Editora Marco Zero, p.136-143. 1983.

_____. Marginália. Algumas Notas Adicionais Sobre o Dom. **Mana. Estudos de Antropologia Social**. v. 2. n. 2. MN-UFRJ. p.7-19, out. 1996

_____. **La Domination Masculine**. Paris: Seuil Collection Liber, 1998.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAGRICHEVSKI, M. ; ESTEVÃO, A. Os sentidos da saúde e a Educação Física. Apontamentos preliminares. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro. p. 65-74. v. 1 n. 1 jan/ jun 2005.

CAMARGO JR. K. R. Racionalidades Médicas. A Medicina Ocidental Contemporânea. II Seminário Racionalidades Médicas. **Série Estudos em Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: IMS/ UERJ. 1993.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

COUNIHAN, Carole. : Food, Sex and Reproduction: penetration of gender boundaries. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. p. 104-117. Ano 2 n. 4 . 1996.

DA MATTA, R. A Ressurreição da Carne. O Culto ao Corpo no Brasil Moderno. **Jornal da Tarde**. São Paulo. Domingo 07 de Abril de 1996. p.5

DUNNING, E. ; MACGUIRE, J. “As Relações entre os Sexos nos Esportes”. **Estudos Feministas**. IFCS/ UFRJ. p. 321-46. v. 5 n. 2. 1997.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

FREYRE, G. **Modos de Homem e Modas de Mulher**. São Paulo: Record, 1986.

GOFFMAN, E. **Estigma**. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GOLDENBERG, M. **A Outra**: Estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Infel**: Notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONÇALVES, M. A. **O Mundo Inacabado**: Ação e Criação em uma Cosmologia Pirahã. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2001.

IRIART, J. B. ; ANDRADE, T. M. Musculação. Uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 18(5) p. 1379-1387, set/out. 2002.

Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.3, n.1, janeiro/junho, 2007.

JULLIEN, F. **Traité de L'Efficacité**. Paris: Grasset et Pasquelle, 1996.

LAGROU, E. M. **Caminhos, Duplos e Corpos**: Uma abordagem perspectivista da identidade e alteridade entre os Kaxinawá. 1998 388p. Tese (Doutorado em Antropologia Social - Etnologia). São Paulo: Universidade de São Paulo.

LUZ, M. T. **Natural, Racional, Social**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LUZ, M. T. ; CAMARGO JR. K. R. Comparative Studies of Medical Rationalities. Verlag Für Wissenschaft und Bildung. **Curare Sonderband**. Berlin. p. 1232-1245. dez.1997.

_____. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Epu/ Edusp, 1974.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001p. 54-67.

OSÓRIO, A. O Corpo da Bruxa. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu e Vestido**: Dez antropólogos analisam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record. 2000. p. 327-358.

OVERING, J. Dualism as a expression of difference and danger marriage exchange and reciprocity among of Piaroa of Venezuela. In: KESINGER, K. (Org.) **Marriage Practice and Lowlands South America**. Urbana/ Chicago: University of Illinois Press. 1984 p. 12-26.

PITT-RIVERS, J. Honra e Posição Social In: PERISTIANY, J. G. **Honra e Vergonha**. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1969. p. 9-12.

SABINO, C. O uso ritual de esteróides anabolizantes em academias de musculação. Uma abordagem antropológica. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 1. n. 1.p. 7-14. jan-jun. 2005.

_____. **O Peso da Forma**. Cotidiano e consumo de drogas entre fisiculturistas. 2004 . 366 p.Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TURNER, V. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo : Cosac & Naif, 2002.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Edunb, 1981.

_____. **Economia y Sociedad**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1997.

Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.3, n.1, janeiro/junho, 2007.

Recebido em: 16/09/2006
Aprovado em: 04/06/2007

Contatos:
e-mail: cesarsabino@hotmail.com